Ano 65.º—Numero 6:512—Sabado, 16 de dezembro de 1916

DIRETOR—Firmino de Vilhena

Campeão das Provincias

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO DIRETOR

Avenida Agostinho Pinheiro

Endereço telegrafico:

"CAMPEÃO,,—AVEIRO

Fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino de Almeida Maia

Decano dos jornais portuguezes

ASSIMATURAS—Ano 2$60 Numero do dia, 4 centavos; atrazado, 5 centavos. Africa, 3$50. Brazil, 4$50. A' cobrança feita pelo correio, acresce a importancia com ela dispendida.
A assinatura é sempre contada dos dias 1 ou 15 de cada mez e cobrada no começo de cada trimestre. Não se restituem os originais.

Publica-se ás quartas-feiras e sabados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados

PUBLICAÇÕES—Escritos de interesse particular, 10 centavos por linha. Anuncios, 6 centavos por linha singela. Anuncios permanentes, contrato especial. A todos acresce o imposto do sêlo Os srs. assinantes teem o abatimento de 80 °/₀ nos anuncios e impressos feitos nas nossas Oficinas. Anunciam-se as publicações de que á redação seja enviado um exemplar.

JOSÉ D'ALPOIM

I

Inscrevo, com o espirito atribulado, na lista já longa dos *Meus mortos*, mais um nome querido, o do José de Alpoim.

Conhecia-o e estimava-o desde quando muito novo, creança ainda, sendo aqui hospede de seus avós maternos, José Justino de Cerqueira Alpoim e D. Crispola Restituta de Zamora Amora, administradores durante largos anos da casa dos Rangeis, do Carmo, de quem o primeiro era parente proximo, e estudavamos com o professor de latim Germano Ernesto de Pinho Ravara. Convivemos então muito, para o que concorreram tambem não pouco as relações de amisade existentes entre meu pai, antigo magistrado e convencionado de Evora-monte, e José Justino, que egualmente exercera os logares de juiz de fóra e de corregedor antes de 1834. Partidario da mesma causa que ali tivêra o seu ocaso, era o pai de José d'Alpoim, Francisco Borges de Cerqueira Alpoim Cabral, moço fidalgo, com exercicio no paço, e senhor de vinculo e praso da Rede, e que desposou a senhora D. Amancia Borges de Cerqueira Alpoim Cabral e Menezes, sua prima, e uma das damas mais formosas da sociedade aveirense do seu tempo. Legitimistas haviam sido egualmente os avós paternos e tios de José d'Alpoim, sendo um destes ultimos João Borges de Cerqueira Alpoim Cabral brigadeiro do exercito miguelista.

Tinhamos, portanto, como é bem de vêr, bebido com o leite principios politicos, já então condenados, mas que a nossa pouca edade e as lições domesticas nos levavam a acreditar como o melhor dos ideais.

Assim educados, combinámos os dois em dirigir uma felicitação ao sr. D. Miguel de Bragança pelos anos de sua mãe a senhora D. Adelaide de Bragança, para a qual angariámos as assinaturas de outros rapazes, facto este que causou engulhos ao então administrador do concelho, que quiz vêr um grito de revolta neste inofensivo cumprimento de bons anos, que a *Nação* publicou e que nós os dois fizemos chegar ao seu destino, recebendo mezes depois a carta que segue e que agora se publica pela primeira vez:

«*Metz, 15 de julho de 1870.*—Regressando da minha viagem á Cidade eterna, recebi a vossa carta de tres de abril, dia natalicio de minha muito amada e augusta Mãe.

Profundamente comovido pelas expressões de amor e dedicado afeto, que por este modo me enviastes, não posso senão assegurar-vos que aos vossos sentimentos correspondem os meus, que a Portugal pertence o meu coração todo, e que restituir lhes as suas glorias e grandezas seria para mim a maior das felicidades.

Minha Mãe vos agradece comigo mui cordealmente as felicitações que lhe enviastes, e eu rogo a Deus vos haja todos em sua santa guarda.—*D. Miguel de Bragança.*»

Passaram-se anos sem que nos avistassemos, até que em maio de 1878 nos encontramos em Coimbra, em casa de Barbosa de Magalhães, meu amigo de sempre, que então frequentava com a maxima distinção o terceiro ano de direito em que tinha por condiscipulo José d'Alpoim e a quem pouco antes tinha dado a melhor prova de amisade, colocando-se ao seu lado, quando todos os demais estudantes do curso quizeram cortar relações com ele por haver agredido, num momento de excitação, um outro condiscipulo, e conseguindo que tudo se harmonisasse. Recordámos então o facto a que acabo de referir-me renovando a antiga amisade que se manteve até agora, que a morte o prostrou.

Mais tarde, já deputado e ministro, voltamos a encontrar-nos uma e muitas vezes quer em Lisboa, quer em Anadia, já em sua casa, já na do sr. conselheiro José Luciano de Castro ou no ministerio da justiça, e sempre com os mesmo afeto dos primeiros anos.

Na antiga camara dos deputados de que foi uma das mais brilhantes constelações e on de entrou pela primeira vez conjuntamente com Barbosa de Magalhães em 13 de abril de 1887, ouvi-o falar na sessão de 14 de janeiro de 1897, comemorando o passamento de Barros Gomes. Foi enorme a comoção que senti, pois o discurso foi brilhantissimo, e terminada a sessão José d'Alpoim, que ao avistar-me na galeria me cumprimentara com um sorriso amistoso, foi procurar-me estreitando-me afetuosamente ao coração.

Ouvi-o depois em Aveiro, prefizeram-se ante-ontem 12 anos, pois foi em 14 de janeiro de 1904, por ocasião de se inaugurar, na sala da biblioteca do liceu, o retrato do conselheiro José Luciano de Castro.

O meu amigo José de Alpoim foi o ultimo dos oradores e representava o governo de que fazia parte como ministro da justiça. Quando lhe foi dada a palavra, pelo sr. dr. Alvaro de Moura, reitor do liceu, uma prolongada salva de palmas saudou o orador, manifestação que tomou proporções extraordinarias, quando, no estrado, assumiu a sua figura insinuante e simpatica.

Foi vibrante de entusiasmo essa manifestação, tão vibrante que o eloquentissimo orador se mostrou deveras comovido ao recebe-la. Mas se foi notabilissima a forma porque o então ministro da justiça foi recebido, não menos notavel foi todo o seu discurso, todo ele entrecortado pelos bravos e palmas da assembleia num crescendo que chegou ao rubro do entusiasmo, tal foi o seu assombroso e memoravel discurso, que produziu uma impressão profundissima em toda a assembleia, que estava como arrebatada e sentia dominada a sua atenção por um poder sobrenatural.

Foi escutado por todos com admiração e por todos aplaudido com enternecimento. Foi assombroso o seu discurso, e impossivel é dar dele hoje uma palida ideia. Um talentoso correspondente desta cidade para um jornal do Porto disse que «era tão impulgante a palava do ilustre ministro, que dificil seria dividir a atenção entre o entusiasmo, por o ouvir, e o desejo de passar ao papel os seus eloquentes rasgos de modelar oratoria.»

Foi soberba a evocação da sua mocidade aqui passada; esplendida a descrição que fêz da cidade, onde teve os seus primeiros mestres. E que dizer das suas referencias ao grande tribuno, grande cidadão e liberal José Estevam Coelho de Magalhães? Foi uma soberba transição que fêz do seu brilhante exordio, se exordio se póde chamar, para o assunto principal. O perfil moral e politico do então chefe do governo, traçou-o o orador com mão de artista. Numa unica palavra se resume o que foi essa oração: «um assombro».

E em verdade foi um assombro o discurso de José de Alpoim. Por todo ele se espalhava a frase e a fantasia mais arrebatadora; saíam-lhe dos labios, envoltas nas azas de ouro da inspiração, todas as manifestações da arte; o coração pulsava-lhe em cada palavra, a luz brilhava em cada frase.

Referindo-se a Aveiro, disse que a esta linda terra tinha ligadas recordações da sua mocidade, que dela lhe falavam muito cada recanto de praça, os ramos do seu arvoredo e o murmurio das suas aguas. Que o impressionára sobremaneira o entrar no edificio onde cursára as primeiras aulas e onde viera encontrar ainda alguns dos seus mestres de então. Que Aveiro não esquecia o muito que deve a seus filhos e a prova estava ali: eram os retratos de José Estevam e de José Luciano de Castro.

Aquele compára-o a André Chernier: um dia quando adormecido, foi bafejado pela rainha de França, a formosa Margarida de Navarra; este classifica-o de primeiro juriscon sulto do paiz. Liberal como nenhum outro, o seu amor ás instituições monarquicas era tão grande como ao seu rei.

Assim por diante, nos termos mais calorosos e eloquentes, foi passando em revista as notabilissimas qualidades morais e politicas do então presidente do conselho, a quem comparou com o estadista inglez Pitt, como ele pugnador strenuo das liberdades publicas, terminando o seu monumental discurso dizendo que a noite escura mais faz brilhar as estrelas no firmamento.

Uma grande manifestação de indiscritivel entusiasmo corôou as derradeiras palavras do orador, que foi de tal forma eloquente que parece até que a tela que representa ali o retrato de José Esvam se animou por vezes e os labios do tribuno se entreabriram para soltarem tambem um bravo.

Marques Gomes.

Em fóco

A povoação de Salreu, cançada de sujeições, resolveu sacudir o jugo que sobre toda a população ribeirinha de ha tanto vem exercendo a marinhagem ao serviço da capitania do porto de Aveiro, e fê-lo no sabado ultimo oprimida por nova violencia.

Tocando a rebate no campanario da freguezia, acorreu ás margens e disse da sua justiça, farta de vexames que nenhuma lei de humanidade póde permitir ou justificar.

Vieram marinheiros feridos, o que é lamentavel, foram para ali forças de infantaria e cavalaria, cuja intervenção não tem sido necessario utilisar porque o povo se conserva sereno, como sereno estaria antes se não fôra a tanto forçado por tão repetidos actos de hostilidade por parte dos que fazem a fiscalisação da ria.

As queixas contra o modo por que essa fiscalisação se exerce são repetidas, e em Estarreja vai fazer-se uma grande reunião de protesto contra tudo isso.

Já o dissémos e continuamos crendo que o sr. capitão do porto desconhece o modo porque os seus subordinados se conduzem na imposição da multas por aí a baixo. A sabê-lo, sua ex.ª teria decerto providenciado de maneira a coíbir abusos que em todos os tempos seriam condenaveis, mas principalmente numa epoca em que a miseria que por aí vai é tanta.

Ao nosso conhecimento chegam factos, queixas, protestos e até lagrimas que nos emocionam profundamente. E' mister têr dó dos desventurados. A hora é grave para todos, não podendo nem devendo exigir-se de ninguem sacrificios superiores ás suas forças.

Para os generosos sentimentos de humanidade e de justiça, e para o esclarecido criterio do sr. Jaime Afreixo apelamos em nome dos desventurados pescadores da região, certos de que sua ex.ª porá termo, por uma vêz, com a sua autoridade e pelo prestigio do regimen, ás demasias da gente que aí tem ao serviço duma repartição de tão longa e complicada jurisdição, e na qual, que nos recorde, jámais se fêz uma parcela do que se vem fazendo de ha tempos para cá.

Opera bufa

Capitaneado por Machado Santos, que se disséra têr feito a Republica (!) tentou um bando de infeliz historia lançar uma triste nota nos registos historicos destes ultimos dias.

O proclamado *heroi*, heroi á força nos dominios da farça de Ofenbak, sublevou uma pequena parte das forças aquarteladas em Tomar, Abrantes, Castelo Branco e Figueira. E mais não disse.

A alteração da ordem limitou-se a uns reduzidos centros e num minguado numero de adeptos. Eis demonstrada a força do façanhudo revolucionario, que se propunha governar o paiz com as pastas do interior e guerra na mão, alem da presidencial Seria piramidal se não fosse antes de tudo e sobre tudo carnavalesco.

O governo sufocou de pronto a revolta, e o autor ou cumplice no atentado, que nas atuais circunstancias assume a gravidade dum crime de lesa-patria, foi logo preso, em Abrantes, sobre que marchava com uma minuscula falange de agregados.

Entre nós teem estado as forças da guarnição de prevenção rigorosa desde o dia de 4.ª feira, não havendo caso a registar.

A autoridade militar está de posse de todos os poderes e tem procedido com elevado criterio.

Como em Aveiro, assim no resto do paiz a tranquilidade e a confiança no governo são completas. Nas localidades onde o pronunciamento se esboçou, tudo entrou já na normalidade.

JORNAL DE LISBOA

Lisboa, 15.

Deu-se uma nova tentativa de revolta. Já do facto deve têr conhecimento pelo relate dos jornais diarios. O *heroi* meteu-se em camisa de onze varas, de que não sáe sem desta vêz pagar caro todas as sua façanhas. Foi um duplo crime nas actuais circunstancias, o que agora praticou. Está julgado pela opinião. Resta cumprir a sentença que inexoravelmente cairá sobre a sua cabeça. Que não haja contemplações. Nem para ele, nem para os seus cumplices.

Nesta hora grave da nossa hisroria e da nossa vida, a tentativa, felizmente abortada, é uma infamia sem precedentes.

O acto, que nem um só homem, dos que pesam as circunstancias, deixa de condenar, encheu de indignação as proprias camadas menos altas.

O governo agiu acertadamente, mas em nenhum outro ponto do paiz alem do pequeno circulo onde a tragedia se esboçou, se deu o mais pequeno incidente.

A pretenção audaciosa esbarrou não só contra as energicas providencias do governo, mas ainda contra a revolta do animo publico. Ha males que veem por bem, e este é um deles. Descobriram-se caretas que afivelavam mascaras diversas. Está já tudo em ordem. E agora, para deante com a limpeza dos importunos. E' tempo de acabar com complacencias. Basta de complacencias. Corte-se a direito. Para a frente é que é o caminho.

Tambem lhe não dou novidade informando que a proposta *boche* para as negociações de paz não foi acéite. A crafaria alemã tentou um golpe que topou numa verdadeira couraça de rijo aço. Ha de sêr batida até ao fim, por honra de todos e designio do destino. A Alemanha é um paiz que tem de liquidar. Leva tempo? Embora! Liquidará por fortuna de todos nós.

O *Moçambique*, da «Empreza nacional de navegação», que ha 50 dias saíra da Africa com destino a Lisboa, chegou felizmente já. Deu cuidados a longa viagem aos que aqui o esperavam ha bastantes dias.

Trouxe cêrca de 300 soldados de infantaria 24 e 21, e artilharia de montanha pertencentes ás expedições que partiram ha perto dum ano, varios oficiais e, entre estes, o major de infantaria Quinhones Portugal da Silveira, comandante da coluna que tomou Quionga aos alemães, e o capitão Fernando de Vilhena, da administração militar. Algumas praças veem enfermas em resultado do clima e das marchas penosas, trazendo baixa pelo que a maior parte seguiu em macas e carros de saude do exercito para o hospital. Os restantes, alquebrados, seguiram para varios regimentos.

Quando fundeado em Caboverde, houve sinal de que pretendia entrar um submarino alemão. As duas canhoneiras fundeadas no porto e o forte de terra, dirigindo o fogo sobre o ponto onde se supôz estivesse o navio pirata, dispararam as suas peças durante largo tempo, até que o submarino se afastou e o *Moçambique* seguiu o seu destino a salvo.

Naquele n.º de oficiais e soldados veio tambem o seu conterraneo, sr. Alfredo Fonseca, sargento de infantria 24.

Jota.

Em favor dos precisados

As comissões politicas democraticas de Estarreja representaram ao Diretorio, por intermedio do sr. governador civil, solicitando que ele advogue, perante os poderes publicos, a necessidade, cada vêz mais urgente, de se acudir ás desprotegidas classes dos pescadores e moliceiros da região.

Urge fazê-lo. Está de pé, com todas as suas tantas demasias, um regulamento sobre pesca e apanha de moliços que é uma calamidade manter nos maus tempos que se atravessam. A ria tem peixe que se não cólhe mas se deixa ir barra fóra por uma errada orientação de quem tal fêz.

E' letra escrita. A capitania guarda-a, e neste ponto cumpre o que lhe está determinado.

Mas bem podiam os seus fiscais moderar os rigores daquela lei, que é causa de infortunios que agrava sem necessidade. A imposição de multas é uma série ininterruta de vexames, que amarguram a vida do desgraçado e o põem em risco de morrer de fóme. Dir-se-ía que entre os guardas ou fiscais ha gente postada no descredito do regimen. Quanto mais se oprime o povo, tanto mais o afastam da crença, da fé, da confiança que todos nele devemos têr.

Pondere-se tudo isto, que é grave. E acuda-se, como é preciso, á triste situação de toda essa gente, que não pede senão que a deixem trabalhar e que lhe não tôlham os meios de prover aos males da vida, da vida actual, tão rude, tão eriçada de espinhos, tão batida por todas

as refregas e pelo infortunio da guerra.

Tanto lhes basta.

Movimento local

Anotações do passado (1915)— *Dia 16 de dezembro.* — Desencadeia-se um furacão temeroso, que parece abalar tudo. Chove torrencialmente depois, amainando um pouco a furia do vento.

Dia 17.—Cái á agua, no canal da ponte da Dobadoira, um cevado que fugira dum curral proximo, podendo ser salvo a tempo.

Dia 18.—Volta a fazer-se sentir violento temporal. O mar atinge grande altura.

Dia 19. — Começam a chegar, para ferias, varios estudantes dos cursos superiores.

Dia 20.—No Rocio e no Cojo as aguas da ria passam já para o leito da estrada na praiamar.

Dia 21.—Seguem daqui para diversos pontos do distrito, estudantes e empregados publicos que vão passar o Natal com suas familias.

Dia 22.—O tempo e o mar amansam um pouco. Entra a barra uma traineira de sardinha, pescada na nossa costa, que atinge o valor de 2 contos. A maior parte é vendida para a Fabrica Brandão Gomes.

Dia a dia.—O barometro desceu e previamente anunciou a borrasca sob cuja influencia temos estado desde a passada semana: chuva, trovoada, vento, granizo, frio, de tudo como na botica, mas sem que felizmente se hajam dado desgraças ou desastres de maior.

A ria leva um volume de aguas consideravel, e os campos encontram-se alagados. As marinhas, algumas delas, estão submersas. Tudo fruto da quadra, que é sempre assim, agindo como lhe apetece, sem que de tal a possamos estorvar.

Actos.—Concluiu hontem os seus trabalhos escolares do anó létivo findo com um belo acto na universidade de Coimbra, o nosso patricio e simpatico amigo, sr. José de Almeida Azevedo, presado filho do antigo juiz de direito e esclarecido advogado nos auditorios desta comarca, sr. dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, a quem com viva satisfação felicitamos.

Os dramas no mar. — A 75 milhas a oéste de Cascais, foi tropedeado por um submarino alemão o lugre portugues *Brizela*, que abriu um grande rombo, afundando-se.

O *Brizela* era uma velha embarcação de 70 toneladas, pertencente ao armador desta praça, nosso amigo, sr. Antonio Henriques Maximo Junior, e tinha como comandante o capitão, sr. Fernando Domingos Magano, tambem conhecido por *Fernando Paião*, natural do visinho concelho de Ilhavo.

Os tripulantes saltaram para duas baleeiras, a primeira das quais, conduzindo o capitão, chegou a Sines.

O lugre *Brizela* havia saido de Lisboa no dia 7 do corrente, com carregamento de telha, sal e azeite destinado á Madeira, devendo seguir depois para os Estados-unidos, donde traria carga para o Porto.

Na baleeira chegada a Sines, alem do comandante, vinham os marinheiros Manuel Russo, Joaquim das Neves, Emilio Francisco e Manuel da Silva Monteiro, que estiveram no mar 57 horas sem ser socorridos.

Os restantes tripulantes, cuja baleeira apareceu no dia imediato nas proximidades de Cezimbra são os marinheiros Miguel Pina, Rogerio de Sousa, moço Manuel dos Santos Malaquias, piloto Antonio dos Santos Embonado e contra-mestre Manuel dos Santos.

De Sines foi logo participado o caso para aqui, ao sr. Maximo Junior, na 2.ª feira á tarde.

O torpedeamento pelo pirata deu-se ás 4 e meia horas do dia 9.

Um oficial do submersivel pediu os documentos de bordo do *Brizela*, sendo-lhe levados pelo piloto e um tripulante.

Depois de os ter lido foi a tripulação intimada a, no praso de 10 minutos, arrear as baleeiras e abandonar o navio e em seguida, feito isto, atracaram o submarino ao navio, dinamitando-o e pondo-se ao largo. Como o navio se não afundasse, o submarino disparou um tiro de peça sobre a prôa, afundando-se então o *Brizela* no espaço de 10 minutos.

O submarino tinha de comprimento aproximadamente 45 metros, calculado em 800 toneladas. Estava pintado de branco e durante a façanha conservou aquele no seu tombadilho uns 40 homens armados de carabinas.

Parte da carga estava segura contra risco de guerra e naritimo nas companhias «Ultramarina» e «Atlantica» pela firma fretadora.

O milho e outros generos. — Em Ovar encontra-se já á venda o milho colonial adquirido em Lisboa e que é vendido a razão de 1$02 (1:020 reis) cada medida de 20 litros.

Pois por cá, á falta de providencias, está á razão de 1$50 (1:500 reis) e não fica por aqui.

Os ovos estão já a $40 (400 reis) a duzia!!

O peixe continua a ser comprado em larga escala pelos açambarcadores, a fim de o mandarem para fóra com altos lucros, não chegando a nenhum de nós se não por altos preços e só aquele que aqueles não querem ou não viram.

As leiteiras continuam adulterando o leite todas as manhãs e todas as tardes.

Não vai tudo bem, no melhor dos mundos possiveis? Para que, e para quem reclamar?

Pescas.—Como o mar, apesar do tempo agreste, por vezes se tem apresentado manso, as companhas de pesca que laboram nas costas do litoral tem dádo alguns lanços, cujo produto, se não tem sido muito remunerador, tem, pelo menos, beneficiado os que do mar se alimentam.

As retretes.—O Senado municipal resolveu na sua ultima sessão não proseguir na obra das retretes e mictorios começada sob o pavimento da Praça da Republica, substituindo-as talvez por uma pequena construção para alugar e serventia de qualquer estabelecimento de comercio.

Entretanto aguarda o parecer dos srs. delegado de saude, diretor das obras publicas e presidente da Associação comercial, que foram rogados para dar o seu parecer ácerca do reclamado assunto.

Ouro velho.—Para o anuncio sob esta designação, chamamos a atenção do leitor. A casa compradora é a mais antiga do paiz, tendo pela honestidade das suas transações firmado creditos muito especiais.

A azeitona.— Comunicam-nos da Bairrada que a azeitona é neste ano em grande quantidade e de magnifica qualidade.

A colheita rendeu, mas por cá o azeite continua a vender-se por bom preço.

Informam mais que se encontram por ali muito adeantadas as sementeiras dos cereais e leguminosas, e que o vinho, muito procurado embora, se vende ao preço de 1$00 e 1$10 com tendencia para descer.

Jôgo. —Joga-se aí desaforadamente. Nas proprias honradas bochechas dos agentes da fiscalisação, deante de todos, sem temôr da propria autoridade policial, que lê os pomposos reclames e passa rindo: é ali na Costeira, na *Casa Souto Ratola*, onde o «escandalo» chega a ponto de amontoar nas vitrines, montras, balcão, etc., centenas se não milhares de numeros em jôgo variado e tentador... para a grande *Loteria do Natal*.

Desde a simples cautela de trez vintens ao bilhete inteiro de cento e déz escudos, é um «desaforo» na procura e venda de palpite. Quem lá não fôr depressa, perde excelente ocasião de escolher bem.

Cruz-vermelha. — A direção da delegação da Cruz-vermelha nesta cidade oficiou ao sr. governador civil e Camara municipal pedindo autorisação para que, de futuro e em caso de sinistro, a chamada das praças do corpo activo da mesma benemerita instituição seja feita por meio duma badalada, repetida com intervalos, no sino da tôrre dos Paços do concelho.

"Teatro-aveirense,,. — Mais uma noite cheia: a de amanhã, para a qual a direção do *Teatro-aveirense* contratou o film em trez partes, da série douro, precedido de grande fama nos cinemas onde tem sido exibido *Um milhão de dote*, em que o principal papel é representado pela célebre artista de reputação mundial *Gabriela Robinne*. E' uma preciosa fita, que deve agradar ao publico pelas suas atraentes scenas e admiravel desempenho.

Nas sessões seguintes, 21, 24, 25, 28 e 31 de dezembro, serão exibidas as 15 séries da assombrosa fita *A chave mestra*, historia comevedora de palpitante interesse onde «todas as paixões humanas», cobiça, misterio, coragem, amôr, e ódio e as suas lutas, ambições, desejos e esperanças desfilam ante os olhos dos espectadores que não devem perder a ocasião de ver a tão preciosa obra cinematografica em 15 séries.

Chapeus.—Chegou nova remessa de lindos chapeus para senhoras á casa da especialidade pertencente á sr.ª D. Alzira Chaves, na rua Coimbra.

Para o anuncio respetivo chamamos a atenção das nossas gentis leitoras.

Um museu em Arouca. — Na lista dos monumentos nacionais (decreto de 16 de junho de 1916) está incluido, como era de toda a justiça, o antigo mosteiro de Arouca. Pela sua conservação vela ha anos á irmandade da Rainha Santa Mafalda, a quem por morte da ultima religiosa foram cedidos os objetos do culto que nele havia. São alguns destes de alto valor historico e artistico, e todos dignos de ser apreciados, o que até agora só era possivel fazer-se com grande dificuldade.

Esta, porem vai desaparecer dentro em pouco, pois a direção daquela irmandade resolveu fazer uma exposição permanente de tudo isso na casa capitular do antigo convento, vasto recinto abobadado, revestido em parte de azulejos, e ainda no melhor estado de conservação. Para se chegar a um tal resultado vão ser realisadas ali diferentes obras de segurança, a que se seguirá a construção de vitrines adquadas aos objetos a expôr, que são bastantes e de valor, como teremos ocasião de dizer, e que constituirão um apreciavel museu de arte. Da sua organisação e catalagação vai ser encarregado o nosso colega, sr. Marques Gomes, diretor do Museu-regional de Aveiro e vogal do Conselho de arte e arqueologia da 2.ª circunscrição, que proximamente dará começo a esses trabalhos.

Medidas de ordem.—Pelo governo civil do distrito foram afixados editais regulamentando a policia sobre cafés, restaurants, tabernas e outras casas de bebidas, e a policia das ruas e outros locais.

Contém disposições que a todos convem saber. Por elas se menciona a hora de recolher que é de 1 de outubro a 31 de março ás 21 horas, e de 1 de abril a 30 de setembro ás 22 horas.

Boletim oficial. — Em substituição do sr. conego Maia, ha dias aposentado, foi nomeado prior da freguezia da Sé, da cidade de Leiria, o sacerdote ilhavense, sr. João Francisco Quaresma, bemquisto capelão da Gafanha da Encarnação.

Felicitamol-o e aos povos que vão ser pelo esclarecido sacerdote pastoriados.

Em torno do distrito. — Em Oliveirã de Azemeis teve ultimamente logar uma justa manifestação de regosijo pela chegada ali do importante industrial, sr. Francisco de Abreu e Sousa, que volta do estrangeiro. Os seus operarios, em grande numero, empregados na *Bohemia*, acreditada fabrica de vidros e cristais de que aquele cavalheiro é socio gerente, foram á estação ferro-viaria esperal-o com música e foguetes, atravessando a vila numa manifestação de prazer que se prolongou por todo o dia.

Na linha férrea do Vale do Vouga deu-se no sabado ultimo um lamentavel desastre, que custou a vida a uma infeliz serviçal, creada do sr. Manuel José de Pinho, proprietario e capitalista, do lugar do Parrinho, de S. João da Madeira.

Parou o comboio naquele apeadeiro, e preparava-se a patrôa da desditosa rapariga para sair quando notou que lhe esqueciam uns embrulhos. Voltou por eles e era a creada quem deles tomava conta. Entretanto o comboio punhase em marcha.

Um revisor, prevendo o perigo que a senhora corria, descendo nessa ocasião, evitou a saída senão evitou tambem a sua desgraça, voltando reconduzida até á estação de S. João da Madeira, onde se apeou.

Mas a inditosa creada, empurrada pelo comboio, caiu sobre a linha.

Foi então que o rodado do veículo, passando por sobre ela, na altura dos ombros, lhe causou morte instantanea. Como é natural, a consternação por esta desgraça é grande.

Contra a debilidade. — Recomendamos aos nossos leitores o Vinho nutritivo de carne» e a «Farinha peitoral ferruginosa» e *contra a tosse* o «Xarope peitoral James», da Farmacia de Pedro Franco & c.ª—Rua de Belem, 147, Lisboa

Antonio F. Duarte Silva

Advogado

Mudou o seu escritorio para a rua Direita, n.º 77, 1.º andar, á esquina da antiga rua de Jesus, onde póde sêr procurado desde as 11 horas ás 4 da tarde (16 horas).

Carteira de apontamentos

FESTAS DE FAMILIA:

Fazem anos:

Hoje, a sr.ª D. Sofia Martins Rosa, e o sr. Antonio Pereira.

Amanhã, os srs. general Camilo Rebocho, tenente David Nunes Rafeiro e comendador Luiz da Silva Canedo.

Alem, o sr. Virgilio Pereira de Sousa.

Depois, a sr.ª D. Hermengarda Ala Marques Gomes.

Em 20, as sr.as D. Beatriz Augusta Ferreira, D. Maria de Assunção Ferreira T. de Magalhães, e os srs. Fernando de Vilhena Ferreira, Antero Duarte e dr. Arnaldo Pacheco Dias Tôrres.

Em 21, as sr.as D. Maria da Conceição Azevedo e D. Maria Barbara Garcia Corrêa.

Em 22, as sr.as D. Maria Beatriz de Araujo Abreu Barros Bacelar, D. Maria Barbara Garcia Corrêa Nóbrega e Sousa, e o sr. Fernando Dias Antunes.

Com felicidade deu á luz uma creança a esposa do sr. alferes Francisco Soares, nosso presado amigo e conterraneo.

Parabens e felicidades.

Tambem com felicidade deu á luz uma creança do sexo feminino a esposa do sr. Antonio Coelho, bemquisto capitalista nesta cidade. Os nossos cumprimentos.

VISITAS:

Estiveram nestes dias em Aveiro os srs. Pedro de Melo, José Joaquim Fernandes, Manuel Maria Amador, Vicente Rodrigues da Cruz, dr. Jaime de Magalhães Lima, Domingos Luiz da Conceição e Roborêdo de Melo.

Em serviço da Companhia do gaz, desta cidade, estiveram em Aveiro o antigo par e presidente da Camara municipal do Porto, sr. Sousa Avides, e digno diretor-gerente da mesma companhia.

OS QUE PARTEM:

Seguiram para Lisboa, a fim de tomarem parte nos trabalhos parlamentares os srs. dr. Pedro Chaves, dr. João Elisio Sucêna, dr. Marques da Costa e dr. Luiz de Brito Guimarães, ilustres deputados por este circulo.

A tratar de assuntos de interesse para o distrito seguiu para Lisboa o sr. dr. Eugenio Ribeiro, ilustre governador civil deste distrito.

Esteve ali o sr. Ricardo da Cruz Bento, considerado negociante desta praça.

OS QUE CHEGAM:

Regressou de Lisboa, onde foi em serviço o sr. Duarte de Melo, digno chefe da 5.ª secção de via e obras da Companhia dos caminhos de ferro portuguezes nesta cidade.

Regressou da sua visita a varios pontos do sul o nosso amigo, sr. Pompeu de Melo de Figueiredo.

DOENTES:

Tem agora sentido ligeiros alivios o sr. dr. José Rodrigues Soares. Muito folgamos por isso.

Já anda de pé o sr. Pompeu da Costa Pereira.

Tem estado gravemente enferma, em Vizeu, a filhinha do tenente de marinha, sr. Soveral Martins, uma galante creança que este ano fez parte interessante da colonia do Farol.

Desejamos-lhe as breves melhoras a que tem direito pela sua graça e primorosa educação.

Pleitos alheios

O nosso amigo e antigo camarada da imprensa, sr. Acacio Rosa, pede-nos a publicação do que segue. Vai deferida a solicitação pela muita consideração em que o temos, não obstante a manifesta repugnancia que nos causa a citação de coisas e de creaturas que nos são absolutamente indiferentes e desde muito consideradas fóra de toda a discussão, pelos tribunais e pela opinião julgadas como de justiça.

Sr. diretor do *Democrata*. Desculpe-me v.

Eu bem sei, sr. diretor, que o deveria tratar por tu, em homenagem aos nossos antigos tempos do *franquismo*. Como sabe, fui eu que o acompanhei ao Carmo, á presença de João Franco. Lembra-se? Olhe que eu e v. deviamos fazer uma linda figura, pela Fonte-nova, a pé, de sobre-casaca e chapeu alto. Que pena não haver então um individuo que nos fotografasse, num estantaneo em que eu e v. olhavamos descofiados para as vestimentas um do outro!

Depois..., no tempo da *Vitalidade*, v. escrevia umas correspondencias de Coimbra e de quando em quando umas noticias que eu revia e muitas vezes punha em linguagem portugueza. Por tudo isso me parece que o deveria tratar por tu, mas tenha paciencia; não póde sêr, em homenagem tambem a termos ha muito cortado relações, o que, seja dito de passagem, põe-no em má posição no reducto da sua campanha.

Isto de se dizer o que se não sabe, sr. director, tem muitos inconvenientes. V., apesar de têr a fama de *maduro*, mostra-se bastante atrazado na reportagem dos emolumentos e gratificações dos empregados do governo civil. Chamaram-lhe *maduro* quando em creança, e v. nunca procurou, ou nunca se atreveu a desmentir esse estado da sua incompetencia.

E' curioso que, considerando-me v. um *tubarão*, berre lá de largo: «O' Acacio, larga o ôsso!» Ora isto é um disparate da marca, em que v. é especialista. A mim parece-me que sêr tubarão é comer a carne e deixar os ossos para os amigos ainda que sejam *britos de peniche*. Por isso, deixe-me v. comer a carne, que os ossos ficam todos para si. Descance que lhe não faço concorrencia. Dou-lhe a minha palavra de honra que por muitos ossos que v. rôa, não lhe disputo nenhum.

V. é um tipo interessante na nossa região e no nosso tempo. Sem sêr precisamente um Rosalino Candido, mostra-se algumas vezes com vontade de acertar, mas, *amadurecendo* em creança, que é como quem diz *antes do tempo*, é claro que nunca poderá dar frutos em termos.

V., que odeia *tubarões*, quiz sêr fiscal, comissario ou coisa que o valha

---

SERÕES

(260)

Penhor materno

DECIMA QUARTA PARTE

TRADUÇÃO DE **JOSÉ BEIRÃO**

O manuscrito materno

VII

O menino doente

«De repente, ergui a cabeça e vi, parando e imovel, deante de nós, o caçador desconhecido.

«Sobresaltei-me. Era a terceira vez que encontrava aquele homem, cujo olhar me fazia estremecer.»

VIII

Quem era o desconhecido de Mohernando

Para Daniel e Clotilde o manuscrito tinha chegado a tal ponto de interesse, que a alma e o pensamento de ambos estavam fixas naquelas paginas.

I

«O desconhecido notou, sem duvida, o efeito que a sua presença me causava, e, sorrindo, como para me inspirar confiança, adeantou-se para mim, tirando o chapeu e disse:

«—Minha senhora: peço-lhe perdão, se venho incomoda-la, mas tanto v. ex.ª como esse lindo menino me inspiram grande interesse, porque suspeito que são vitimas da falsidade de um homem.

«—Vitimas, nós? E de quem, senhor? Perguntei eu vivamente impressionada.

«—Dum homem que é indigno do apreço que soube inspirar a v. ex.ª

«O desconhecido pronunciou estas palavras com tal firmeza e tom de verdade, que eu senti, ao mesmo tempo, uma dôr aguda no craneo e no coração; mal pude exclamar:

«—Meu Deus!... Não compreendo porque o senhor me diz isso!

«O desconhecido respondeu com a mesma firmeza e no mesmo tom:

«—Porque é vitima dum miseravel: porque Pedro de Lostan a engana.

«—O sr. conhece Pedro? perguntei-lhe, sentindo um estremecimento interior.

«O desconhecido sorriu-se dum modo expressivo e respondeu:

«—Ha muitos anos.

«—E tem, segundo suspeito, alguma comunicação de gravidade a fazer-me a respeito dele?

«—Oh! de muita gravidade! Vou, talvez, despedaçar-lhe o coração; mas não posso permitir por mais tempo que um homem perjuro, abusando da candura de uma senhora virtuosa, a transforme em martir.

«—Silencio, senhor, silencio, murmurei eu, receiosa de que tu, que nos olhavas com infantil curiosidade, ouvisses dos labios daquele desconhecido alguma infamia dirigida a teu pai.

«— Está bem, senhora, tornou o desconhecido, tenho de fazer-lhe graves revelações, portanto, peço-lhe que me conceda uma entrevista sem testimunhas.

«—Mas essa entrevista póde prejudicar a minha reputação.

«—As mães devem arriscar tudo pelos filhos.

«Concedi a entrevista.

II

«Ah! se podesses imaginar a impaciencia com que eu esperava aquele homem!!...

«Ha horas na vida em que os minutos parecem durar seculos.

«Eu estava só na modesta sala que nos servia de albergue, quando chegou o desconhecido.

«Pelo trage e maneiras conhecia-se que era um homem distinto.

III

«Quando o vi, imovel, junto da porta e fitando-me duma maneira que me pertubou, disse-lhe:

«—Suponho, senhor, que não terá inconveniente em me dizer o seu nome.

«—Em Madrid, respondeu-me-me ele, sempre sorsindo, em Madrid conhecem-me pelo conde da Fé, mas o meu titulo e a minha alta posição social devem de sêr-lhe completamente indiferentes, pois não sou mais do que um homem, que, guiado pela retidão da sua consciencia, vem dizer-lhe, que a senhora é vitima da hipocrisia do general Lostan; porque, idubitavelmente, ignora que Lostan não poderá nunca reunir-se á senhora nem a seu filho Daniel.

«—Nunca!? E porque, senhor? perguntei eu com a alma afetada por uma impressão para mim, até então, desconhecida.

«—Porque a esposa do general, a marqueza del Radio, nunca o consentirá.

«Eu dei um grito de dôr horrivel!

«Pareceu-me sentir como a ponta duma espada penetrando-me o coração: escureceu-se-me a vista; no craneo resoou-me um ruido surdo e medonho, e exclamei:

«—Pedro casado! Impossivel, impossivel! Isto é um sonho espantoso!...

(Continua)